

Educação como “abertura para o todo” – uma breve nota pieperiana para o início do novo ano letivo

Enio Starosky¹

A Filosofia da Educação, qualquer que ela seja, é no fundo Antropologia Filosófica, uma via de acesso ao que, no fundo, o homem é e está chamado a ser. Em artigo anterior, também para *Coepta*², afirmávamos o papel primordial da admiração e do ócio (no sentido clássico de *skholé*) e que o homem é um ser vocacionado para admirar-se e que só na disponibilidade interior da *skholé* pode se realizar plenamente.

Hoje, daremos outro importante passo nessa mesma linha educacional-antropológica. Pieper afirma que a verdadeira educação deve (claro que proporcionalmente de acordo com a idade e amadurecimento dos alunos) transcender os particularismos e ser “abertura para o todo” (*Offenheit für das Ganze*). Ao mesmo tempo que se ensina gramática, matemática ou qualquer disciplina, para além da parte técnico-prática da aprendizagem, deve-se abrir a possibilidade de diálogo e reflexão para a realidade como um todo, ou, como na formulação de A. N. Whitehead, a perguntar: “*What is it all about?*” – o que isto tem a ver com o todo, o que há no fundo disto, o que, afinal, é isto?

Acontece que essa “abertura para o todo”, em toda a grande tradição do pensamento ocidental é – nada mais, nada menos – do que a própria definição de espírito. Espírito, neste sentido, não é uma esotérica e misteriosa aura, mas simplesmente a capacidade de, a partir de uma determinada realidade concreta, indagar pela totalidade e pelo sentido. Se as diversas ciências se instalam em seus particulares pontos de vista (e é isto que as define como tais), isto não impede que ao ensinar uma disciplina qualquer devamos dispensar o diálogo – não só para a interdisciplinaridade e transversalidade – mas, na medida do possível, para o aprofundamento da realidade humana, a partir daquele tema concreto em sala de aula: da linguagem, da história, matemática, ou do que for.

Assim, por exemplo, o espírito (que, por definição se abre para o todo), para tomar um exemplo de Lauand, ao analisar as fórmulas de felicitações nas diversas línguas, não nos devemos limitar ao raso: *parabéns* se traduz em *inglês por congratulations* (em espanhol por *enhorabuena*, em italiano por *auguri* etc.)

Para além de um rigoroso ensino técnico, o educador deve estar preparado para iniciar um diálogo de “abertura para o todo”, que se liga à Pedagogia da Admiração e da *skholé*. Um simples “parabéns” recolhe em si séculos de discussão teológica e profunda Antropologia Filosófica. No sentido em que resume Lauand:

¹. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

². <http://www.hottopos.com/rih60/25-26Enio.pdf>.

Com a encantadora forma nossa, “parabéns!”, estamos expressando precisamente isto: que o bem conquistado, que a meta atingida seja usada ‘para bens’. Em nossa herança cultural, do cristianismo medieval, o mal não tem existência própria, por si: ele é antes uma distorção do bem. E, como todo mundo sabe, qualquer bem obtido pode ser usado ‘para bens’ ou ‘para males’, pode contribuir para a auto-realização ou para auto-destruição. Pensemos nos casos de um amigo que ganha a medalha de ouro em tiro ao alvo, ou se elege deputado, ou tira a carta de motorista, ou obtém o diploma de advogado... É evidente que essas conquistas - em si boas - podem também ser para males. Por isso também o dom fundamental da vida é celebrado nos aniversários com votos de parabéns...

(Revista *Língua Portuguesa Especial Etimologias*, maio 2011, pp. 38-39).

E distintas surpreendentes considerações antropológicas estão contidas também nas “correspondentes” fórmulas estrangeiras e podem ser acessadas em: <https://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf> pp. 335 e ss.

Outro exemplo tomado do mesmo autor³: Ao estudar as equações algébricas, para além de ensinar a utilizar “formuletas”, como “menos b mais ou menos raiz quadrada do Delta etc.” o professor pode abrir uma profunda discussão histórico-teológica – da mais alta atualidade, envolvendo nada menos que as diferenças essenciais entre Cristianismo e Islamismo.

Provavelmente poucos sabem que a Álgebra está no centro da visão de mundo do Islam. Ela surgiu como ciência árabe para atender a uma exigência específica do Alcorão: o problema da herança. E revela a sólida união que se dá para os muçulmanos entre a ordem religiosa e a temporal. Assim, na questão da herança, o Alcorão (4, 11 e ss.) especifica detalhadamente como deve ser feita a partilha e diz, por exemplo: “*Allah vos ordena o seguinte no que diz respeito a vossos filhos: que a porção do varão equivalha à de duas mulheres etc. etc.*” E conclui proibindo o mínimo afastamento dessas regras.

Bem diferentes são as coisas no cristianismo. Quando o mesmo problema da herança (para o muçulmano, sob a legislação direta de Allah) é proposto a Cristo, ele recusa-se a estabelecer concretamente os termos da herança: “*Um da multidão*” aproxima-se de Cristo e pede que use sua autoridade para convencer seu irmão a repartir com ele a herança (Lc 12.13). Cristo recusa-se terminantemente a intervir nessa questão: “*Homem, quem me deu o direito de julgar ou de repartir propriedades entre vocês?*” (Lc 12.14). O máximo a que Cristo chega é a uma condenação genérica da cobiça, contando a esses irmãos a parábola do homem rico cujos campos haviam produzido abundante fruto e com o célebre convite à contemplação dos lírios: “*Olhai os lírios do campo...*”.

Claro que essa perspectiva de “abertura para o todo” (de “espírito”) é um desafio enorme para a escola de hoje e exige um notável preparo do educador, sobretudo a vontade de educar “o espírito”...

Recebido para publicação em 11-04-25; aceito em 24-04-25

³. <https://www.jeanlauand.com/FilosofiaArte.pdf> (pp. 85 e ss.)